

COMBATENDO “ESTULTOS PRECONCEITOS DE RAÇA”: MAPEAMENTO DA IMPRENSA NEGRA DO RIO GRANDE DO SUL E O CASO DE SANTA MARIA/RS

FIGHTING “STUPID RACIAL PREJUDICES”: MAPPING OF THE RIO GRANDE DO SUL BLACK PRESS AND THE CASE OF SANTA MARIA/RS

Guilherme Pedroso¹

Taiane Anhanha Lima²

Franciele Rocha de Oliveira³

RESUMO

Criado em 2016, o Grupo de Estudos sobre pós-Abolição da Universidade Federal de Santa Maria (GEPA) reflete sobre o pós-Abolição como um campo de estudos, que aborda as experiências negras entre a escravidão e a liberdade e seus significados. Visando colaborar com o acesso às fontes das comunidades negras locais, o GEPA adentrou o universo da Imprensa Negra Meridional, focando nos jornais de Santa Maria/RS. Buscou-se identificar e reunir tais fontes, compreender quem foram seus protagonistas, objetivos, principais ações, modos de atuação e execução e, sobretudo, o que expressavam, colaborando, assim, para entender esta intelectualidade negra, alvo de racismo. Para isto, elaborou-se, em 2018, a *Campanha de Preservação dos Jornais da Imprensa Negra de Santa Maria*. Este artigo apresenta resultados deste projeto, envolvendo um mapeamento da Imprensa Negra gaúcha e dos jornais daquela cidade, como o inaugural *Rebate*, gerado em 1919, a “fim de combater estultos preconceitos de raça”.

Palavras-chave: Imprensa Negra. Pós-Abolição. Jornais Negros. Santa Maria. Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

Created in 2016, the Post-Abolition Study Group (GEPA) of the Federal University of Santa Maria reflects on post-Abolition as a field of study, regarding the black experiences between slavery and freedom and their meanings. In order to collaborate with the access to the sources

1 Graduação em História Licenciatura na Universidade Federal de Santa Maria. Mestrando em história na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 Graduada em História Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestranda em História no PPGH/UFSM (Programa de Pós-Graduação em História).

3 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria e Bolsista CAPES, Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria. Graduada em História Licenciatura Plena e Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria. Membro do Grupo de Estudos sobre pós-Abolição da Universidade Federal de Santa Maria (GEPA UFSM).

of the local black communities, GEPA entered the universe of the Southern Black Press, focusing on the newspapers of Santa Maria / RS. We sought to identify and gather such sources, to understand who were their protagonists, objectives, main actions, modes of performance and execution and, above all, what they expressed, thus collaborating to understand this black intelligentsia, the target of racism. To this end, the 2018 Santa Maria Black Press Newspaper Preservation Campaign was prepared. This article presents the results of this project, involving a mapping of the Black Gaucho Press and the newspapers of that city, such as the inaugural Rebate, created in 1919, in order to "fight against racial prejudice".

Keywords: Black Press. Post-Abolition. Black newspapers. Santa Maria. Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

Muitas transformações marcaram o Brasil dos anos finais do século XIX e início do século XX. Como a Abolição da escravidão, em 1888, e a instauração da República, no ano seguinte. Pensar estes e outros processos contribui para a compreensão da história de um país que se constituiu, estruturalmente, desigual e racista, como é o caso brasileiro. Neste sentido, os estudos do pós-Abolição têm contribuído para delinear aspectos importantes das sociedades pós-emancipação, destacando os sentidos, projetos e lutas por liberdade, direitos e cidadania, em meio a reiteradas hierarquias raciais. (COOPER; HOLT; SCOTT, 2005; RIOS; MATTOS, 2005; ROSA, 2014). Santa Maria, município localizado no centro do Rio Grande do Sul, não esteve avesso a essas modificações decorrentes de alguns fatores específicos que, culminando com o que acontecia no restante do país, naquele momento, transformaram o espaço físico da cidade e o cotidiano daqueles que a habitavam. Durante as décadas de 1870 e 1880, destacam-se dois fatores que fomentaram o crescimento de Santa Maria: a formação da colônia de imigrantes italianos Silveira Martins e a instalação das primeiras linhas de ferro, que passariam a ligar a cidade aos grandes centros do país, como aponta a historiadora Daniela Vallandro de Carvalho (2005).

No mesmo sentido, Silvana Grunewaldt (2010) percebe que, embora Santa Maria fosse uma cidade interiorana, apresentava um ritmo de crescimento semelhante a alguns outros lugares do país. Dentro disso, a cidade passou a deixar o retrato de vilarejo para trás, dando espaço à modernidade advinda do surto tecnológico e modernizador em que os grandes centros do país estavam inseridos. O crescimento da cidade também se encontra descrito em diversos relatos de viajantes que passaram por Santa Maria, realidade facilitada por sua localização central. Tais viajantes deixaram por escrito suas impressões, nos permitindo visualizar, através de seus olhares, como era a ambientação local e as impressões daqueles que ali viveram, como é o caso de

Borges Fortes (FORTES, 1901, p. 156 *apud* MARCHIORI; NOAL FILHO, 1997, p. 86).

Perder o “bafo de provincianismo” e adquirir “ar de cidade grande” era ilustrado, por exemplo, pela chegada da iluminação, com a instalação de postes elétricos, calçamentos, remodelação de prédios, reformas em sistemas de esgotos, entre outras novidades (GRUNEWALDT, 2010). Entretanto, vale ressaltar o que Daniela Carvalho (2005) apontou em sua dissertação de mestrado. A autora afirmou que mesmo Santa Maria estando imersa nesse processo de urbanização e forte fluxo imigratório, a cidade ainda tinha o mundo rural muito presente em seu dia-a-dia, não podendo conceber as categorias “rural/campo” e “urbano/cidade” como completamente opostas, como mostra o trecho a seguir:

É certo que existe o desejo por parte das elites citadinas em perceber sua cidade como civilizada e, portanto, carregada de urbanidade. Mas as fontes primárias pesquisadas mostraram com clareza o entrelaçamento dos universos rural e urbano, principalmente intermediados pelos populares que em seu trânsito constante ligavam culturalmente campo e cidade. (CARVALHO, 2005, p. 36).

Essas transformações de remodelação da cidade, industrialização, novos hábitos e costumes no cotidiano vieram acompanhados por uma política de controle social, medidas saneadoras e moralizantes, que pretendiam regrar o modo de vida das pessoas que ali habitavam, viviam e circulavam, sobretudo das camadas sociais mais empobrecidas, onde se encontravam as comunidades negras, ex-escravizados e ex-escravizadas, libertos e libertas e seus descendentes, como afirma a historiadora Silvana Grunewaldt (2010):

O final do século XIX, especialmente após a escravidão, intensificou-se no Brasil imperial a imagem de que os pobres eram classes perigosas, especialmente os negros, pois, temia-se que os recém-libertos oferecessem problemas para a nova ordem de trabalho que se colocava após a abolição, em 1888. Criou-se a ideia no imaginário de que os pobres possuíam vícios que ameaçavam a ordem pública e que os repassariam a seus filhos, portanto, passaram a se constituir uma ameaça à sociedade branca e ordeira. (GRUNEWALDT, 2010, p. 342).

Os estudos do pós-Abolição têm demonstrado que os anos finais do século XIX e o início do século XX foram marcados por um processo de reorganização das relações de trabalho e por lutas negras por direitos e cidadania, com base em importantes códigos e culturas gestadas ainda em escravidão. Tais estudos centraram-se em delinear os sentidos da liberdade para estas pessoas, suas expectativas e projetos em oposição às expectativas de ex-senhores. (MATTOS; RIOS, 2004; 2005).

Neste contexto, Franciele Oliveira (2017) contabilizou 21 organizações negras criadas em Santa Maria, entre os séculos XIX e XX, número que foi atualizado por Ênio Grigio et al. (2020), totalizando 30 organizações, sendo elas Irmandades religiosas, Clubes Sociais Negros, Blocos e Ranchos Carnavalescos, Clubes de Futebol Negros e Jornais da Imprensa Negra.. Além de localizar esses espaços das resistências negras, as pesquisas supracitadas permitem observar uma rede de relações entre as trajetórias desses indivíduos (criadores e criadoras, gestores e gestoras e frequentadores e frequentadoras desses lugares), que, em alguns momentos, participam, concomitantemente, de diversas organizações⁴.

Neste sentido, trabalhos sobre o pós-Abolição, em Santa Maria, foram produzidos nos últimos anos. Algumas dessas discussões partem do Grupo de Estudos sobre pós-Abolição da Universidade Federal de Santa Maria (GEPA)⁵, que tem trabalhado para construir propostas de ensino, pesquisa e extensão, voltadas ao reconhecimento da História das comunidades negras. Entre os principais projetos do GEPA, encontra-se o desenvolvimento da *Campanha de Preservação dos Jornais da Imprensa Negra de Santa Maria*, iniciada com as leituras sobre a Imprensa Negra no Brasil e lançada em novembro de 2018, cujos resultados são o cerne deste artigo.

4 Dos trabalhos historiográficos, que elucidam a realidade da cidade, sua estrutura agrária e social no final do século XIX e no século XX, entre os quais trabalhos com foco no pós-Abolição, indicamos: Terezinha Belinazzo (1981), Luís Augusto Farinatti (1999), Daniela Vallandro de Carvalho (2005), Letícia Guterres (2005, 2013), Gláucia Külzer (2009), Ênio Grigio (2016), Franciele Oliveira (2016, 2017), Gabriela Rotilli dos Santos (2017, 2021), Felipe Farret Brunhauser (2018) e Alcília Medeiros Quinhones (2021).

5 Fundado em 24 de março de 2016, o GEPA tem por objetivo refletir o pós-Abolição, para além de um período da história marcado pela Lei Áurea, entendido, sobretudo, como um campo vasto de estudos, dedicado a pensar as experiências negras entre a escravidão e a liberdade, as realidades e os problemas que implicam sobre a formalização das liberdades negras e os múltiplos significados destas liberdades. Atualmente, o grupo possui 22 pessoas, entre elas, estudantes, técnicos administrativos em educação e professores, sendo a maioria mulheres e ingressantes na Universidade pelas Ações Afirmativas, cotas sociais ou raciais. Atualmente (2020-2022), o GEPA compõe a vice-coordenação no GT Emancipações e pós-Abolição da ANPUH/RS.

1 DAS LEITURAS SOBRE A IMPRENSA NEGRA NO BRASIL A UM PROJETO DE CAMPANHA EM SANTA MARIA

Em 2006, Wlamyra Albuquerque e Walter Fraga Filho publicaram a obra *Uma história do negro no Brasil*. No que competia a Imprensa Negra brasileira, os autores a apresentam enquanto constituída por “jornais escritos por negros e a estes destinados” (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p. 258), caracterizados com a finalidade de “noticiar e discutir problemas vivenciados pela população negra, mas que não encontravam espaço na grande imprensa”. Estes jornais traziam, portanto, as notícias ligadas às realidades destas pessoas e suas agendas, contribuindo assim para a organização das mesmas.

Ponto interessante do texto diz respeito à distinção e importância dos jornais negros frente a “grande imprensa”, onde, muitas vezes, literatos negros não encontraram espaço. Os autores comentaram que muitos dos jornais, que antes haviam contribuído com o movimento abolicionista inclusive, não tinham interesse nas questões que impactavam a população negra no pós-Abolição. Jornais negros foram, portanto, os responsáveis por tais debates. Na Imprensa Negra, a vida associativa destas pessoas tinha páginas garantidas, como anúncios de suas realizações e comemorações, mas também era recheada por suas denúncias e protestos. A exposição das discriminações raciais vivenciadas era parte fundamental desses jornais, que levaram seus protagonistas à defesa da igualdade, da cidadania plena e do acesso a direitos. O que perpassou também pela defesa do pertencimento, construção e contribuição nacional (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p. 263).

Outro ponto importante das publicações da Imprensa Negra, que vem chamando a atenção dos pesquisadores, diz respeito ao tom moralizante de alguns de seus conteúdos, na tentativa de refrear comportamentos de seu público, distanciando-o de estereótipos. Jornais negros, assim, tentavam conduzir e difundir comportamentos, que julgassem moralmente corretos dentro daquela sociedade, a fim de não serem mais associados à imoralidade, degeneração, ignorância, vagabundagem, entre outros tantos impropérios, que recaíram sobre estas pessoas. (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p. 261).

Naquele mesmo ano, um trabalho impactou ainda mais os rumos dos estudos sobre a Imprensa Negra brasileira. A dissertação da historiadora Ana Flávia Magalhães Pinto tornava-se uma referência nas pesquisas sobre tal imprensa e seus intelectuais. Em *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833 -1899)*, a autora reconhece a atuação da Imprensa Negra brasileira no século XIX, identificando os jornais da época,

compreendendo-os como importantes fontes dos processos de construção de identidade destas pessoas, sobretudo, homens negros livres, que ainda conviviam com a escravidão e no pós-Abolição. Nesse trabalho, a autora já apresentava suas reflexões sobre *pensar a liberdade* de homens negros no século XIX, o que também foi desenvolvido em sua tese (PINTO, 2014)⁶. Observava a agência destes, através das palavras, suas representações e concepções, muitas das quais, conflitantes às que se tinham no período, sendo a Imprensa Negra fundamental na denúncia do racismo e na defesa de igualdade, desde aquele momento.

Todo trabalho da autora apontava para a importância de olhar as atuações destes sujeitos no século XIX, para além da resistência à escravidão apenas na condição de cativos. Portanto, olhar para essa Imprensa Negra combativa às desigualdades raciais no século XIX seria olhar a atuação negra livre, reconhecer as intelectualidades negras e suas identidades e, de igual forma, em luta por direitos. Ampliando-se, portanto, os espaços de atuação destas resistências negras. Haja vista, inclusive, que muitos destes jornais, desde 1833, já colocavam sua identidade racial, afirmando-se enquanto *homens de cor*⁷.

O entendimento sobre a Imprensa Negra no Brasil fez a autora re-avaliar ainda ao final do século XVIII, reconhecendo a importância das experiências comunicativas da Revolta de Búzios, adentrando o século XIX e a atuação de pessoas como Antônio Pereira Rebouças, José do Patrocínio, Luiz Gama, Machado de Assis, Manoel Querino e outros. Pinto (2006) situava os jornais negros na trajetória da resistência negra, tendo como ponto de partida a criação do primeiro jornal da Imprensa Negra brasileira, em 1833, *O Homem de Côr*, da Tipografia Fluminense de Francisco Paula Brito (1809 – 1861), no Rio de Janeiro.

A defesa da liberdade ganha explícita evidência na Imprensa Negra do pós-Abolição. Na percepção da autora, justamente, por tratar-se de sujeitos que vivenciavam as contradições de uma liberdade precária, quando não havia mais leis de escravização, mas pessoas negras continuavam sendo discriminadas. Jornais negros no pós-Abolição pautavam, portanto, os ideais de liberdade, democracia e igualdade, que a República prometia incorporar, ao passo que o preconceito racial com que eram tratados, dia-

6 O texto foi publicado em 2018 pela Editora Unicamp, intitulado *Escritos da liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*.

7 Revisões bibliográficas sobre a Imprensa Negra na historiografia e o uso da Imprensa Negra como fonte encontram-se detalhadas em: Ana Flávia Magalhães Pinto (2006; 2010; 2014; 2018); José Antônio dos Santos (2003; 2011); Roberto dos Santos (2007); Fernanda Oliveira da Silva (2017); Melina Perussatto (2018); Aline Sônego (2020).

riamente, era assim exposto nas páginas dos jornais.

Outro trabalho fundamental às reflexões por nós propostas é a tese de José Antônio dos Santos, intitulada *Prisioneiros da História: trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional*, publicada em 2011. Ainda que outros trabalhos tenham abordado e utilizado as fontes da Imprensa Negra do Rio Grande do Sul, Santos (2011) trouxe questões importantes para a sistematização do que se entende enquanto “Imprensa Negra Meridional” ou “Imprensa Negra Sul-rio-grandense”. O autor, tendo como principais fontes os jornais negros do Rio Grande do Sul, produzidos entre 1892 e 1930, procurou refletir sobre a atuação política da população negra no estado a partir destes, o que teve impacto em suas mobilidades sociais. Para ele, jornalistas e redatores da Imprensa Negra ocupavam, portanto, “lugares sociais de lideranças étnicas, que definiram as estratégias de superação do racismo e preconceito” (SANTOS, 2011, p. 8).

José Antônio dos Santos aponta que os jornais negros produzidos no Rio Grande do Sul iniciaram suas atividades no imediato pós-Abolição, feitos por sujeitos que circulavam pelas cidades, interagindo como pessoas diversas, constituindo, assim, uma atuação que os permitia o “entendimento da realidade em que viviam e se posicionavam na arena das disputas políticas, simbólicas e de representação” (SANTOS, 2011, p. 12). Ao observar a produção destes jornais, seus conteúdos e protagonistas, Santos estabeleceu uma caracterização da Imprensa Negra gaúcha, tornando possível refletir sobre como intelectuais negros lidaram com a realidade pós-Abolição no sul do país e seus significados da liberdade. Identificando particularidades, mas, sobretudo, aproximações.

Santos (2011) propõe pensar também sobre as trocas e relações entre os jornais negros do Rio Grande do Sul e seus organizadores. Sua tese redimensiona o protagonismo da população negra no estado, para além do trabalhador braçal e da escravidão, como vem sendo o esforço de uma série de trabalhos situados no campo da história social da escravidão e liberdade. Em *Jornais negros: órgãos críticos e noticiosos*, o autor deteve-se na identificação de elementos que ajudaram na caracterização dos jornais da Imprensa Negra meridional, definindo particularidades e semelhanças, em suas comparações. Interessa-nos, neste ponto do texto, o esforço do autor no sentido de definir *o que e porque* compreende como exemplares da Imprensa Negra Sul-rio-grandense. Assim, nos parece fundamental a caracterização realizada, destacando cinco *elementos-chave* presentes na Imprensa Negra gaúcha:

Primeiro, os periódicos eram fundados, escritos e mantidos por pessoas que se auto-identificavam como negras ou que se colocavam como muito próximas deste meio; Segundo, tinham como leitores e alvos prioritários das publicações, embora muitas vezes não fossem os únicos, a população negra; Terceiro, os jornais divulgavam assuntos de interesses dos negros e eram reconhecidos pelos leitores como defensores das suas questões; Quarto, alguns redatores dos jornais mantinham contatos próximos entre si, trocavam exemplares e autorreferenciavam-se como “co-irmãos” que “colima[vam] o mesmo ideal pelo qual nos batemos”; Quinto, todos esses aspectos eram, de forma recorrente, divulgados pelos jornais de maior circulação. As publicações negras e os seus principais responsáveis eram representados na “grande imprensa”, quando dos lançamentos ou pela passagem das datas comemorativas das fundações, como pertencentes àquela parcela populacional. (SANTOS, 2011, p. 108).

O autor indicava ainda a necessidade de compreender as redes de relações tecidas entre os membros da Imprensa Negra e a população em geral. Atentava, também, para os aspectos de produção dos jornais e seus territórios de circulação. Em linhas gerais, defendia as particularidades de cada produção, variando conforme as realidades locais, mas também definiu elementos comuns, colocando, sobretudo, que as linhas editoriais dos jornais negros pautavam-se pela “crítica aos comportamentos de alguns negros e aos costumes preconceituosos das cidades em que circulavam, bem como pela divulgação das notícias que interessavam à população negra gaúcha” (SANTOS, 2011, p. 109). As denominações “literárias e humorísticas”, acessadas pelos jornais negros do sul foram compreendidas pelo autor como uma forma de acessar o público. Fazendo graça com cenas cotidianas, tais jornais carregavam o já mencionado “tom moralizador”, buscando a supressão de comportamentos considerados inapropriados. Ainda que a denominação “críticos e noticiosos” seja vista na imprensa gaúcha como um todo, Santos (2011) explicava, que “(...) A diferença desses jornais estava na crítica aos comportamentos preconceituosos da sociedade, no reforço às prescrições sociais entre os negros e na divulgação de assuntos de interesse daquele meio” (SANTOS, 2011, p. 110). Assim, o ser “crítico e noticioso” dos demais jornais tornava-se diferente do ser “crítico e noticioso” para os redatores e jornalistas negros.

Os estudos que abordaram a Imprensa Negra gaúcha de forma mais complexa, a exemplo de Santos (2011) e Pinto (2006), associados ao estudo de outras formas organizativas e que realizaram uma análise aprofundada de suas fontes permitiram rastrear diversos periódicos da Imprensa Negra,

como comprovamos a seguir, com as conclusões do mapeamento realizado pelo GEPA, a partir das bibliografias, catálogos e fontes da Imprensa Negra do Rio Grande do Sul.

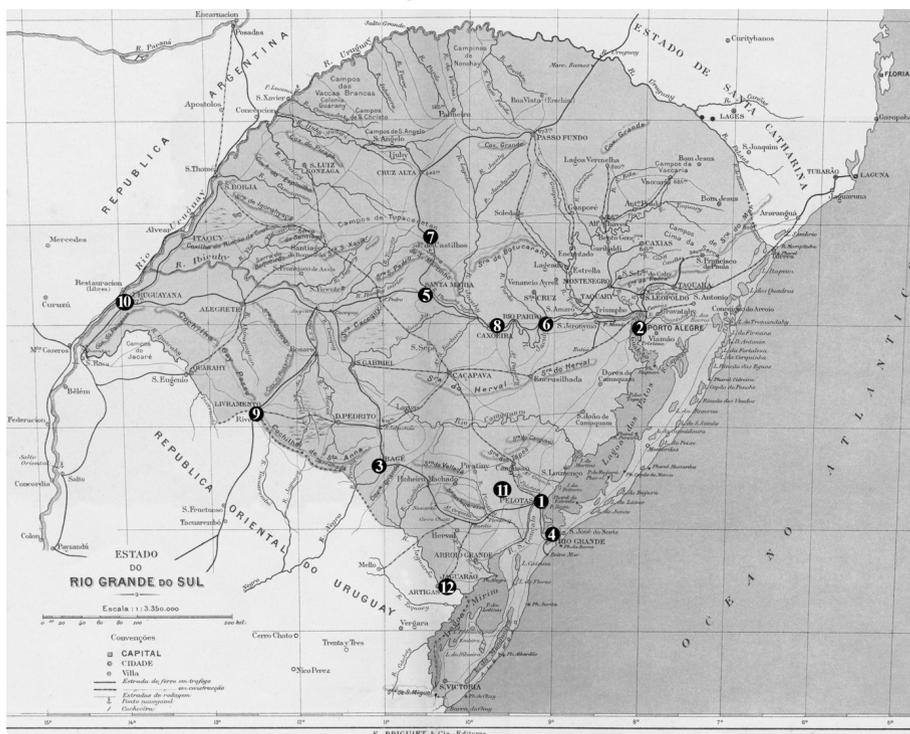
2 MAPEAMENTO DA IMPRENSA NEGRA DO RIO GRANDE DO SUL

À procura dos jornais de Santa Maria/RS, o GEPA recuou suas análises a fim de obter uma visão mais abrangente do fenômeno Imprensa Negra Sul-rio-grandense. Assim, chegamos não só ao mapeamento dos 6 jornais localizados em Santa Maria, mas também ao número total de 48 jornais, localizados em 12 cidades do estado do Rio Grande do Sul como demonstramos no mapa abaixo (mapeados até maio de 2019).

Nota-se que, ainda que os jornais mais antigos tenham sido localizados nas cidades de Pelotas e Porto Alegre, é a cidade de Bagé que, impressionantemente, detém o maior número de jornais representantes da Imprensa Negra do estado, contabilizando nesta localidade 19 dos 48 jornais computados até o momento, totalizando, portanto, 40% da imprensa negra mapeada até então.

Os jornais mais antigos da Imprensa Negra gaúcha, mapeados até o momento, foram criados na década de 80 do século XIX. Destes, muitos levantaram interessantes questionamentos sobre suas caracterizações, uma vez ligados à causa abolicionista, portanto, caracterizados pela historiografia enquanto jornais abolicionistas e não jornais da Imprensa Negra. A maior parte da Imprensa Negra e dos jornais negros presentes neste mapeamento surgiu e foi caracterizada no contexto do pós-Abolição, sendo os mais antigos deste período, criados em 1891 e 1892.

Mapa 1 - Mapeamento inicial dos jornais da Imprensa Negra do Rio Grande do Sul, mapa do Rio Grande do Sul, 1923.



- 1 Pelotas: A Voz do escravo (1881)***, O Ethiópico (1886)***, A Alvorada (1907); A Cruzada (1905).
- 2 Porto Alegre: O Judas (1886)*; A Tesoura (1891)*; A Navalha (1891)*; Alvorada (1891)*; O Exemplo (1892); A Liberdade (1921); A Tesoura (1924); O Tição (1978); Folhetim do Zaire (1982); Cruzeiro do Sul (1926); O Portoalegrense (?)****.
- 3 Bagé: Rio Branco (1913); O Imparcial (1916)*; A Liberdade (1919); A Defeza (1920); O Carteiro (1921); A Tesoura (1922); O Palmeira (1922); O Rouxinol (1924); A Revolta (1925); O Teimoso (1928); O Boato (1929); Lampeão (1934); O Arauto (1936); Correio Elegante (1936)****; Socega Leão (1937); O 28 de Setembro (1937); A Penna (?)***; O Guarany (?)**; O Espião (?)**.
- 4 Rio Grande: A Hora (1917).
- 5 Santa Maria: Rebate (1919); O Succo (1921); O Vaqueano (?); União (?); O Tigre (?); A Voz do 13 (1965).
- 6 Rio Pardo: O Vergalho (1925).
- 7 Júlio de Castilhos: O Pharol (1926)****; A Voz da Raça (1986)****.
- 8 Cachoeira do Sul: O Astro (1927).
- 9 Santana do Livramento: A Navalha (1931).
- 10 Uruguaiana: O Incentivo (?)**.
- 11 Capão do Leão: A Gazetinha (?)****.
- 12 Jaguarão: O Jaguarensense (?)****.

Fonte: Beatriz Ana Loner (1999; 2005; 2011); Liane Müller (1999; 2013); Ana Flávia Magalhães Pinto (2006; 2010; 2014); José Antônio dos Santos (2003; 2011); Roberto dos Santos (2007); Maria Angélica Zubaran (2016); Felipe Bohrer (2014); Fernanda Oliveira

da Silva (2011; 2017); Jéssica Nobre Maria (2014); Fernanda Oliveira da Silva; Melina Kleinert Perussatto, Rodrigo de Azevedo Weimer e Sarah Calvi Amaral Silva (2016); Marcus Vinicius de Freitas Rosa (2014); Maria Angélica Zubarán; Bianca Salazar Guizzo (2015); Maria Angélica Zubarán; Juliana Ribeiro de Vargas (2015); Paulo Staudt Moreira (2011; 2014); Franciele Rocha de Oliveira (2016; 2017); Ângela Pereira Oliveira (2017); Giane Vargas Escobar (2017); Tiago Rosa da Silva (2018), Melina Kleinert Perussatto (2018), Aline Sônego (2020); Mariana Couto Gonçalves (2013; 2014). O mapa do Rio Grande do Sul de 1923 encontra-se disponível em: <<https://www.brasil-turismo.com/rio-grande-sul/mapas-rs.htm>>. Acesso em 17 de março de 2019.

Os jornais *A Voz do Escravo* (1881) e *O Ethiópico* (1886) foram abordados por Beatriz Loner (1999), Fernanda Silva (2011) e Mariana Gonçalves (2014) e associados à causa abolicionista, tendo entre os mantenedores e idealizadores homens negros. Ainda temos dúvidas sobre a caracterização destes periódicos enquanto jornais da Imprensa Negra do Rio Grande do Sul, haja vista os critérios colocados por José Santos (2011), considerando não serem constituídos, majoritariamente, por pessoas negras, voltados, exclusivamente, para tais comunidades e expressarem esta identidade de si próprios. De qualquer maneira, optamos por registrá-los neste mapa com inserção de três asteriscos (***) .

Os jornais *O Judas* (1886), *A Tesoura* (1891), *A Navalha* (1891), *A Alvorada* (1891) e *O Imparcial* (1916), demarcados com um asterisco (*) no mapa foram encontrados no projeto assinado por Renata Andreoni, vinculados ao Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, que reúne os jornais da Imprensa Negra do Rio Grande do Sul⁸. Não encontramos estudos específicos para estes jornais, que inclusive contrariam a percepção de que *O Exemplo* é o jornal pioneiro da Imprensa Negra do Rio Grande do Sul.

Tiago Silva (2018), ao tratar dos co-irmãos do Jornal *O Palmeira*, cita as trocas feitas com os jornais *O Incentivo*, *O Guarani*, *A Penna* e *O Espião*, que acreditamos ser da Imprensa Negra, por isso foram inseridos no mapa com dois asteriscos (**).

Os jornais demarcados com quatro asteriscos (****) estão disponíveis na Biblioteca Pública de Pelotas, referentes ao período de 1931 a 1957. As informações sobre estes periódicos foram-nos apresentadas pela historiadora Ângela Oliveira, a quem somos gratos.

As informações sobre *O Pharol* (1926) e *A Voz da Raça* (1986), de Júlio de Castilhos, registrados no mapa com cinco asteriscos (*****) foram encontradas pelo historiador Ênio Grigio, através da edição de 20 de fevereiro de 1926, do jornal *Correio da Serra*. Sob a direção do Sr. Adão Ribas, *O Pharol*

8 Disponível em: <<http://afro.culturadigital.br/imprensa-negra-no-rio-grande-do-sul/>>. Acesso em 17 de março de 2019.

é descrito como “órgão da raça etyopica daquela localidade”. Segundo Gri-gio, *A Voz da Raça* era ligado ao Clube José do Patrocínio.

Ao instituímos numerações no mapa, conforme a ordem crescente das datas encontradas de realização dos jornais da Imprensa Negra do Rio Grande do Sul foi possível perceber uma espécie de desenho do movimento de criação destes jornais pelo estado. A partir disto, é possível inferir que, apesar da grande expressividade dos jornais negros da fronteira-oeste, este desenho revela que primeiro a Imprensa Negra teria começado no sudeste e região metropolitana do estado, depois atingindo a fronteira onde teve grande diversidade, como demonstra o caso de Bagé, espalhando-se para o centro-oeste e centro-leste em espaços de tempo quase que semelhantes.

Desta forma, percebemos que quase metade da imprensa negra mapeada está localizada na fronteira entre o Brasil, Uruguai e Argentina. Totalizando 46%, ou seja, 22 dos jornais negros gaúchos localizam-se entre as cidades de Uruguaiana, Santana do Livramento, Bagé e Jaguarão. Uma boa parte dos jornais, 42% do total mapeado, se localiza no centro-oeste, no centro-leste e na região metropolitana do Rio Grande do Sul, como em Santa Maria, Júlio de Castilhos, Cachoeira do Sul, Rio Pardo e Porto Alegre, computando 20 dos 48 jornais. Em menor número, mas não menos importante, a região sudeste do estado concentra a menor quantidade de jornais mapeados até então, nas cidades de Pelotas, a pioneira destes, Capão do Leão e Rio Grande, com 6 jornais ao todo da Imprensa Negra mapeada, representando, portanto, 12% da Imprensa Negra localizada.

Ainda que este mapeamento seja inicial e considerando a dispersão e o tardio reconhecimento das fontes da Imprensa Negra gaúcha, somado à certeza de que muitos outros jornais ainda podem ser encontrados, acreditamos ser contraproducente ocultar a existência destes. Compilar estes esforços da população negra, sobretudo, no pós-Abolição, ajuda-nos perceber a Imprensa Negra como um grande fenômeno, que tomou conta de diversas regiões do Rio Grande do Sul. De igual forma, ajuda-nos a redimensionar esta imprensa dentro das vivências da liberdade no estado e seus significados para as comunidades negras. A expressividade da Imprensa Negra fronteiriça chama atenção neste mapeamento, ocupando um lugar que contraria visões estereotipadas das comunidades negras da fronteira, associadas ao que seria um extremo oposto das grandes cidades urbanas, lidas, frequentemente, como rudimentares, primitivas, não civilizadas, rurais. Por outro lado, conseguimos flexionar o olhar, reconhecendo, minimamente, uma grande força também dos literatos negros ali presentes, que fizeram emergir uma Imprensa Negra, para a qual se pressupõe uma cultura letrada, um universo de escritores, articuladores e leitores negros e

negras, obviamente, não longe de conflitos, redes e trocas, onde encontram força motriz para seus escritos.

A partir do mapa constituído e dos dados levantados, vários outros questionamentos passaram a fazer parte de nosso repertório de perguntas acerca do fenômeno Imprensa Negra no Rio Grande do Sul. Para responder, minimamente, algumas das problemáticas evocadas, reconhecemos, cada vez mais, a importância de estudos empíricos aprofundados, das leituras e diálogos bibliográficos, bem como das combinações de fontes e metodologias. Então, optamos por estudar, com maior profundidade, o caso de Santa Maria, cidade de atuação do GEPA, com o desenvolvimento da *Campanha de Preservação dos Jornais da Imprensa Negra*, que, conseqüentemente, nos levou ao reconhecimento de mais exemplares de jornais, ao encontro com os descendentes desta Imprensa Negra e com outras fontes diversas, ligadas aos seus protagonistas, como trataremos nesta última parte do texto.

3 ESCRITOS DE RESISTÊNCIA: A CAMPANHA DOS JORNAIS DA IMPRENSA NEGRA DE SANTA MARIA/RS

Inspirados pelos estudos e pelas leituras anteriormente comentadas, o GEPA procurou articular práticas de ensino, pesquisa e extensão, que dessem conta das reflexões sobre os protagonismos negros em Santa Maria e no Rio Grande do Sul, sobretudo, as concepções de liberdade da população negra e suas lutas por direitos. Neste sentido, questões expressas na bibliografia foram assumidas às reflexões do grupo. Entre as questões levantadas pelo GEPA estavam: Quais foram os jornais da Imprensa Negra santamariense e quem eram os seus protagonistas, redatores, diretores, gerentes, etc.? Dentro disto, quais as experiências da liberdade dos intelectuais negros gaúchos na Santa Maria? Como aprenderam a ler e escrever? Teriam frequentado escolas? Que impacto o projeto da imprensa teve em suas vidas e na busca por melhores condições sociais? Quais eram as realidades expressas pelos literatos negros da cidade? Quais os conteúdos e temas de suas escritas? O que unia e o que separava os intelectuais negros da imprensa local? Como os jornais negros na cidade eram produzidos? Como se dava suas distribuições e em que locais circulavam? Como estes negros e negras da cidade lidaram com o pós-Abolição e a descendência escravizada num contexto de liberdade precária? Estariam envolvidos, também, na constituição de outras organizações e associações negras e de trabalhadores?

Em Santa Maria, a Imprensa Negra emana no pós-Abolição, ainda nas primeiras décadas do século XX. A ausência de trabalhos dedicados,

especialmente, a este tipo de organização ainda é uma realidade⁹. Considerando todo este cenário, a bibliografia colocada e as questões evocadas, o GEPA dedicou-se a elaborar a *Campanha de Preservação dos Jornais da Imprensa Negra de Santa Maria*, lançada em 14 de novembro de 2018, durante a Semana da Consciência Negra. A campanha, de caráter permanente, tem como intuito localizar os jornais negros que eram realizados na cidade e, através destes, identificar seus sujeitos criadores, descendentes e guardiões da Imprensa Negra local, construindo uma rede de apoio para preservarmos estas fontes, que ajudam a contar a história dos protagonismos negros santamarienses. Até o momento se sabe da existência de, pelo menos, 6 periódicos: *Rebate* (1919), *O Succo* (1921), *O Vaqueano* (?), *União* (?), *O Tigre* (?) e *A Voz do 13* (1965). Além da coleta das fontes primárias da Imprensa Negra, o projeto prevê a coleta das fontes orais sobre esta imprensa, através da realização de entrevistas com *descendentes da Imprensa Negra* e alguns doadores e guardiões das fontes originais.

Compreendem-se como *descendentes da Imprensa Negra*, todos aqueles e aquelas que são familiares diretos de membros da Imprensa Negra, sejam eles gerentes, diretores, redatores, financiadores, assinantes, etc. Como é o caso da Sr.^a Alcione Flores do Amaral, neta do Sr. Pedro Flôres do Amaral, assinante do jornal *O Succo*; dos irmãos Rossy do Nascimento, Romilda do Nascimento (*in memoriam*) e Romeu do Nascimento, sobrinhos do Sr. José Francisco do Nascimento Filho, gestor do jornal *O Succo* e do Sr. Marcos Aurélio Marques, filho do Sr. Francisco Assis de Elias Marques, gestor do jornal *O Succo*, que estiveram presentes durante o lançamento da Campanha, agraciados com presentes e este simbólico título oferecido pelo GEPA.

9 Informações sobre a Imprensa Negra em Santa Maria ainda encontram-se dispersas em alguns trabalhos, que não se dedicaram a estudá-la com profundidade, como no caso de Nely Ribeiro (1992). A exceção é o próprio trabalho de José Santos (2011), bem como os estudos de Franciele Oliveira (2016; 2017). Giane Escobar (2017) apresenta contribuições sobre os jornais ligados ao Clube Treze de Maio, *O Tigre* (?) e *A Voz do 13* (1965).

Imagem 1 – Participantes do lançamento da Campanha de Preservação dos Jornais da Imprensa Negra de Santa Maria, 14 de novembro de 2018.



Fonte: Acervo do Grupo de Estudos sobre Pós-Abolição da Universidade Federal de Santa Maria (GEPA). Foto de João Malaia dos Santos, 14 de novembro de 2018, Santa Maria/RS.

Através da Campanha, parcerias foram constituídas¹⁰ e cartazes e panfletos puderam ser criados e impressos, informando a população da cidade sobre a existência desta Imprensa Negra, instruindo aqueles e aquelas que pudessem ter jornais guardados, ao contato com o GEPA para doação e/ou autorização para cópia do material, a fim de construirmos um acervo digitalizado destes periódicos evitando sua maior dispersão e possível descarte. Assim, pontos de coleta foram instaurados, entre eles o Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria (AHMSM), as secretarias da pós-graduação e da graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, bem como a secretária do curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria.

¹⁰ Entre os parceiros na *Campanha de Preservação dos Jornais da Imprensa Negra de Santa Maria* encontram-se a Associação Ara Dudu, a Universidade Federal de Santa Maria, a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria, o Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria, o Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, os cursos de Licenciatura e Bacharelado em História da Universidade Federal de Santa Maria e o curso de Arquivologia da mesma instituição.

Na sequência, sistematizamos as informações sobre os jornais negros de Santa Maria, com base na pesquisa bibliográfica e a partir da Campanha, que ajudou revelar novas edições e personalidades.

O *Rebate* é considerado o primeiro jornal da Imprensa Negra de Santa Maria, tendo seu início em 1919. Ainda não tivemos contato com nenhum dos seus exemplares, mas a indicação de sua existência é localizada no jornal *O Exemplo*, de Porto Alegre, um dos mais importantes jornais da Imprensa Negra brasileira. A nota sobre o *Rebate* é de 13 de abril de 1919. Demonstrando que *O Exemplo* tinha correspondentes em Santa Maria, constava que:

Brevemente aparecerá nesta localidade, com o fim de combater estultos preconceitos de raça, um semanario crítico-literário, sob o nome de *Rebate*. Sua direção será confiada às reconhecidas competências dos srs. Arlindo Andrade, Luiz Almeida e Honorio do Prado. Felicidades almejamos ao futuro paladino de causa tão nobre. O correspondente¹¹.

Dos três diretores do *Rebate* citados na nota, sabemos mais informações sobre Honório do Prado, que, segundo as pesquisas de Franciele Oliveira (2017), esteve vinculado a outras organizações negras na cidade, como clubes sociais negros e agremiações esportivas negras de futebol, além do jornal mencionado. Seu nome completo era Honório José do Prado. Era filho de Ovídio Vicente do Prado e Laura Joaquina. Ovídio Vicente do Prado, que acreditamos ter sido escravizado, nasceu em Cachoeira do Sul/RS, filho de Domingas Bernarda do Prado. Na condição de criado do Sr. José Antonio de Souza Caldas, Ovídio chegou em Santa Maria no final do século XIX e em 1892, casou-se com Laura Joaquina¹², uma mulher nascida de Ventre Livre, filha de Maria, escravizada por Felipe Leonardo Niederauer e tutelada no interior desta mesma família.

Ao que tudo indica, desta união entre Ovídio e Laura nasceu apenas o filho Honório, em 1894. Em 1916, Honório casou-se, aos 22 anos, com Rita

11 *O Exemplo*. 13 de abril de 1919. Ano I, nº 15. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/843717/744>>. Acesso em 15 de novembro de 2019. Cruzando outras fontes, acreditamos que o correspondente de *O Exemplo* era o próprio Sr. Honório do Prado.

12 Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Habilitação de casamento de Ovídio Vicente do Prado e Laura Joaquina. Santa Maria, 29 de julho de 1892. Ver análise detalhada deste casamento em Franciele Oliveira (2017). Laura e Ovídio também se casaram na Igreja Matriz da cidade, no dia 30 de julho de 1892. Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. Santa Maria. Livro de Casamento n. 7 (1887-1891), p. 54. Acervo da Cúria de Santa Maria. Documento transcrito por Ênio Grigio.

Correa de Mello¹³. Naquela ocasião revelara ter como profissão “jornaleiro”. Anos depois, no mesmo ano de fundação do *Rebate*, tornou-se servente dos Correios de Santa Maria, tendo sido indicado junto de Irineu Lopes, em 21 de novembro de 1919¹⁴.

Recentemente, encontramos também o casamento de Luiz Almeida, outro diretor do jornal, que se casou com Leontina Bandeira, em 1920¹⁵. Na ocasião, Luiz disse ser de profissão jornalista, assim como Honório¹⁶. Em seu matrimônio, Luiz estava com 24 anos de idade, era natural de Uruguaiana/RS, tendo nascido em 19 de agosto de 1896, filho natural de Ignacia Costa. Sua esposa, Leontina Bandeira, contava com 26 anos e era natural do município de Cachoeira do Sul/RS, tendo nascido em 14 de abril de 1894, filha legítima do casal Juvencio Bandeira, já falecido e Maria José Bandeira.

O primeiro relato escrito sobre a existência de *O Succo* que tivemos contato foi a obra de Nelly Ribeiro (1992), intitulada *Jornais gráficos RS 1827-1900: o jornal em Santa Maria 1883-1992*. Pesquisando no *Diário do Interior*, a autora encontra algumas informações importantes sobre *O Succo*:

Localizamos notícia dele no “Diário do Interior” de 6 de novembro de 1928, assim registrada: A 31 do mês recém findo, entrou para o sétimo ano de publicidade, a revista local O SUCCO, dirigida pelos Srs. F. de A. Marques e José do Nascimento Filho (...) O número de aniversário apresenta magnífica feitura material trazendo vasta reportagem fotográfica, crítica e noticiosa. Prosperidades. (*Diário do Interior*, 06/11/1928 *apud* RIBEIRO, 1992, p. 116-117).

Com essa informação temos contato com várias questões, por exemplo: sabemos que *O Succo* foi criado em 1921 por conta do seu sétimo aniversário em 1928, os nomes dos seus dirigentes “Srs. F. de A. Marques e José do Nascimento Filho” são apresentados, conhecemos a forma geral do seu conteúdo na edição de aniversário e mais alguns detalhes. Outra referência que a autora faz ao *O Succo* está também no *Diário do Interior*, de 1934:

13 Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Habilitação de casamento de Honório José do Prado e Rita Correa de Mello. Santa Maria, 09 de maio de 1916.

14 Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. Fundo Intendência Municipal. Caixa 45, Tomo 264. Documento encontrado por Ênio Grégio. Uma análise detalhada desta família, sobretudo dos pais de Honório encontram-se em Franciele Oliveira (2017).

15 Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Habilitação de casamento de Luiz Almeida e Leontina Bandeira. Santa Maria, 30 de junho de 1920.

16 O termo jornalista, historicamente, é atribuído aos trabalhadores que trabalhavam e recebiam por jornada, uma espécie de trabalho por diária, cabendo aqui inúmeras possibilidades de ofícios e atividades desenvolvidas.

O número de 184 é de 25 de fevereiro de 1934. Órgão crítico, humorístico e noticioso. Redatores diversos e gerencia de José do Nascimento Filho e Antão Rodrigues dos Santos. Quatro páginas, publicação quinzenal. Romeu Beltrão não faz referência a este jornal e João Belém cita como de existência efêmera. (RIBEIRO, 1992, p. 117).

Porém, nestes dois trechos e na obra da autora não temos a identificação de que os gestores e diretores do jornal *O Succo* eram indivíduos negros, muito menos, que eles faziam parte da Imprensa Negra local.

Informações sobre o Sr. F. de A. Marques foram levantadas por Franciele Oliveira (2016) em seu estudo sobre o Clube Social Negro União Familiar. A partir deste trabalho foi possível localizar seus familiares e acessar mais informações sobre este membro da Imprensa Negra local. Trata-se de Francisco Assis Elias Marques, casado com a Sr.^a Cecília Martins, outra importante liderança das organizações negras de Santa Maria.

Francisco Marques casa-se com Cecília Martins em 1926¹⁷. Ele era militar e contava com 25 anos, natural da cidade de Jaguarão/RS, tendo nascido em 04 de outubro de 1900, filho legítimo do casal Alfredo Elias Marques, falecido quando Francisco era criança e Maria Eugenia Marques. A noiva Cecília estava com 22 anos na ocasião do casamento. Natural de São Gabriel nascera em 06 de junho de 1904, filha legítima de Alfredo Martins, já falecido e Tolentina Martins. Deste casamento, Francisco e Cecília tiveram os filhos Maria Terezinha de Jesus Marques, Adão Marques e Marcos Aurélio Marques, este último entrevistado por Franciele Oliveira (2016) e um dos homenageados na Campanha promovida pelo GEPA. É notável perceber que a participação de Francisco Marques em *O Succo* era anterior a seu casamento, sendo este gerente do jornal nos anos 1924 e 1925. Chegando ao cargo de diretor do mesmo em 1928, quando já havia se casado com Cecília Martins, liderança do bloco Rancho Succo, ao qual Oliveira (2016) sugere conexões fortes com o jornal, a começar pelos nomes homônimos.

Em sua dissertação, Franciele Oliveira (2017) acompanha a trajetória de José Francisco do Nascimento e Innocência Maria Joaquina, pais de José Francisco do Nascimento Filho, diretor do *O Succo*, esse último, importante personagem representativo da comunidade negra local, fazendo parte, também, de diversas organizações negras na cidade.

A estrutura familiar de José Francisco do Nascimento filho, de *O Succo*, era muito semelhante à de Honório do Prado, de o *Rebate*. José também

17 Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Habilitação de Casamento de Francisco de Assis Elias Marques e Cecília Martins. Santa Maria, 01 de setembro de 1926.

era filho de um pai que fora escravizado, que migrara para Santa Maria e de uma mãe, nascida do *Ventre Livre* na cidade. Em Santa Maria, seus pais estiveram envolvidos em diversas organizações associativas negras, desde as mais tradicionais como a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. José Francisco do Nascimento Filho, ao que tudo indica, era o primogênito de uma família extensa de outros 10 irmãos. José Filho nasceu em 27 de outubro de 1892. Em 1930, aos 38 anos, casou-se com Jenny da Rosa¹⁸. Na ocasião declarou que sabia ler e como profissão constava “comercio”, ainda que as pesquisas realizadas por Oliveira (2017) demonstrem que ele era carroceiro como o pai e outros irmãos.

Sua noiva, Jenny da Rosa estava com 25 anos quando casou e sabia escrever. Natural de Santa Maria, Jenny nasceu em 19 de julho de 1904 e era órfã, filha do casal Marcos Rosa, falecido em 1926 e Benta Silva Rosa, falecida, em São Sepé, em 1916. Jenny era neta paterna de Marculino Rosa e Maria Rosa e neta materna de Eleutério de Tal e Fé da Silva.

Da mesma forma que outras personalidades da Imprensa Negra, José Filho tinha ampla vida associativa em organizações negras, anterior a seu casamento, atuando também na Imprensa antes de se casar. José Filho faleceu após 7 anos de seu casamento, em 28 de julho de 1937, diagnosticado como vítima de *Asthenia Pulmonar*¹⁹.

O *Succo* é sistematizado como integrante da Imprensa Negra meridional pelo pesquisador José Antônio dos Santos (2011), obra já abordada. Porém, na sua pesquisa o autor tem contato com apenas dois exemplares do jornal, pertencentes ao Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa. Oliveira (2016) levanta algumas ideias, significados e interpretações do que era produzido pelo *O Succo*, em ligação com as análises de Santos (2011), demonstrando que dos cinco elementos-chave que os jornais da Imprensa Negra apresentavam, *O Succo* possuía quatro deles²⁰. A autora, por meio de suas pesquisas sobre o clube União Familiar (1896), chega a um bloco carnavalesco chamado Rancho Succo. Através do bloco e de Alcione Flores do Amaral (entrevistada pela autora), Oliveira percebe que o jornal *O Succo* tem ligação com o Rancho. Alcione, *descendente da Imprensa Negra*, havia herdado dois exemplares do impresso datados de 1932, até então inéditos.

A Campanha de Preservação dos Jornais da Imprensa Negra de Santa

18 Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Habilitação de Casamento de José Francisco do Nascimento Filho e Jenny da Rosa. Santa Maria, 04 de janeiro de 1930.

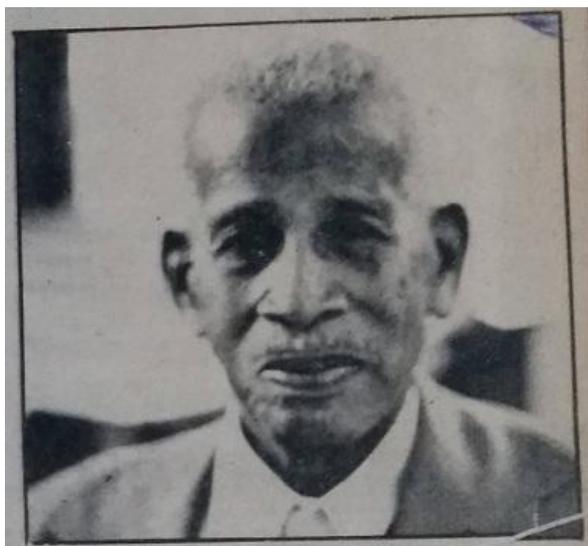
19 Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Livro de Óbitos, n. 31, p. 126. Óbito nº 6091. Documento encontrado por Ênio Grigio. Ver: Oliveira (2017).

20 Ver mais em: Franciele Oliveira (2016).

Maria já deu frutos e outro exemplar do jornal *O Succo* já foi localizado, o periódico data de 25 de fevereiro de 1934. Este último exemplar encontrado pertence ao acervo particular do Sr. Máucio Rodrigues, doado por familiares do Sr. Justiniano Rodrigues Cruz, outra personalidade importante da história da imprensa de Santa Maria, sobre o qual, o projeto da *Campanha de Preservação dos Jornais da Imprensa Negra* dedicou maiores esforços, realizando uma entrevista com seus familiares, com a filha Maria José Soares Cruz, o genro Loreno Cruz e o neto Jorge Cruz. Entrevista esta que já foi analisada e transcrita pelo GEPA, da qual foi possível constituir genealogias, localizar novos documentos e acessar outras fontes guardadas pela família²¹.

Justiniano Rodrigues Cruz era filho de pais escravizados em Santa Maria. Seu pai era Eustáquio Rodrigues Cruz, filho da escravizada Eva. Tanto ele quanto sua mãe foram escravizados pelo Sr. David José Medeiros. A mãe de Justiniano, portanto, esposa de Eustáquio era Ignácia Maria Dias, também escravizada como sua mãe Maria Bibiana, por Justiniano Gonçalves Dias. A carta de alforria do pai de Justiniano, assim como seu casamento e outros batismos foram localizados por nossas pesquisas no GEPA.

Imagem 2 – Foto do Sr. Justiniano Rodrigues Cruz, em nota sobre seu falecimento, publicada no jornal *A Razão*, em 03 de janeiro de 1982.



Fonte: Foto do Sr. Justiniano Rodrigues Cruz. Jornal *A Razão*, 03 de janeiro de 1982. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria (AHMSM). Registro encontrado por Gabriel Reolon, cedido ao Grupo de Estudos sobre Pós-Abolição (GEPA).

21 Conclusões acerca desta fonte oral encontram-se em Alícia Quinhones Medeiros (2021).

Portanto, ao todo, temos agora cinco exemplares do jornal *O Succo* de Santa Maria, conforme mostra o Quadro 1, o que nos permite visualizar, de forma mais efetiva e consistente, seus conteúdos e entender seus textos, notícias e crônicas, que eram dirigidos à população negra.

Quadro 1- Datas de publicação e localização dos exemplares encontrados de *O Succo*.

Data de publicação	Local
13 de julho de 1924.	Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa.
5 de julho de 1925.	Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa.
15 de março de 1932.	Acervo particular de Alcione Flores do Amaral.
15 de maio de 1932.	Acervo particular de Alcione Flores do Amaral.
25 de fevereiro de 1934.	Acervo particular de Máucio Rodrigues.

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

Considerando o fato de que os jornais negros se autoreferenciavam, trocando informações e construindo redes de contato, bem como se auto-reconhecendo como parte de um mesmo segmento, hoje chamado Imprensa Negra Meridional, identificando-se, não raras vezes, enquanto “colegas” e “co-irmãos”²², chegamos ao *O Vaqueano*, apresentado pelas páginas de *O Succo*, em 15 de maio de 1932, sob o epíteto “coleguinha”. Nas palavras do jornal, assinado na época pelo redator Bento Fonseca e pelo gerente José Francisco do Nascimento Filho:

IMPrensa

Constanos que, reaparecerá dentro em breve o nosso brilhante coleguinha “O Vaqueano” dirigido pelo nosso intelectual colega Snr. Olegario Cruz e um pugilio de beletistas, que vão ingressar na imprensa²³.

A forma elogiosa com que *O Succo* trata *O Vaqueano* e seus realizadores é evidente. O que vai ao encontro das noções sobre posituação da imagem das comunidades negras. Assim, *O Vaqueano* é apresentado enquanto

22 José Santos (2011) fala das redes de autoreconhecimento, na qual jornais negros se entendiam como “co-irmãos” e “colegas”, trocando-se exemplares e informações e estabelecendo correspondentes. Ver também Fernanda Oliveira da Silva (2017), sobre os clubes sociais negros do Rio Grande do Sul e Uruguai.

23 *O Succo*. 15 de maio de 1932. Anno XI, nº 178. Acervo particular de Alcione Flores do Amaral. Fotos digitalizadas do jornal foram compartilhadas por Giane Vargas Escobar em 24/01/2014.

“brilhante” e seu diretor, o Sr. Olegario Cruz, qualificado como “intelectual colega”. Seus demais criadores são descritos, também, como “beletristas”, ou seja, aqueles que amam ou cultivam a literatura e as belas letras, termo também utilizado para designar criadores de obras literárias. Apesar de não sabermos precisar sua data de criação, o texto indica que *O Vaqueano* teve existência anterior ao ano de 1932, reaparecendo (conforme falam) naquele ano.

União foi um dos nossos mais ilustre coleguinha que, em nossos dez anos de trabalho em prol do nosso engrandecimento social, demonstrou, não só por ser o porta-voz de uma humanitária agremiação, como também pela intelectualidade de seus dirigentes, bem compreender e interpretar a sua missão social. Admiramos os homens e as cousas pelos seus actos e a sua nobreza²⁴.

Assim como o jornal *Vaqueano*, o *União* foi localizado através de uma menção no *Succo*, em 1932, como mostra o trecho acima, se referindo ao jornal como “coleguinha”, que possui dirigentes atentos a sua “missão social”.

Sobre o jornal *União*, não conseguimos localizar sua sede de funcionamento, porém, através dos exemplares de *O Succo* sabemos que este era porta-voz da Sociedade *União Beneficente* (também conhecida como *União Social*), e que funcionava na Rua Tuiuti.

O Tigre, assim como *A Voz do 13* tratam-se de periódicos vinculados ao Clube Social Negro Treze de Maio, abordados, principalmente, por Giane Vargas Escobar (2017), que teve acesso às fontes primárias. Deste modo, sobre o jornal *O Tigre* sabemos algumas informações encontradas por Giane Vargas Escobar, que, em sua tese de doutorado, localizou menções ao jornal, em páginas de outro jornal negro, intitulado *A Voz do 13*. Segundo Escobar (2017, p. 222-223), *O Tigre havia* mudado de nome e tornado-se *A Voz do 13*. A autora explica que o periódico mudou de nome, devido ao sentido pejorativo que o nome antigo carregava e que, de acordo com o diretor da época, o Sr. Reci Mauro Alves Tolentino, mudou de título para ficar com “ar mais social”.

A Voz do 13 foi fundado na década de 1960. Segundo Giane Escobar (2017), nos anos de auge do Clube Treze de Maio. Segundo a autora (ESCOBAR, 2017, p. 222), de acordo com a edição de maio-junho de 1966, o diretor do jornal *A Voz do 13* era Reci Mauro Alves Tolentino e o jornal foi um ór-

24 *O Succo*. 15 de maio de 1932. Anno XI, nº 178. Acervo particular de Alcione Flores do Amaral. Fotos repassadas por Giane Vargas Escobar em 24/01/2014.

gão representativo e de divulgação da Sociedade Cultural Ferroviária 13 de Maio, composto e impresso nas oficinas gráficas da Editora Pallotti. Como mostra a autora, a partir da edição de maio-junho de 1966, em relação ao conteúdo do periódico, “(...) tinha como escopo (...) publicitar fatos sociais e culturais, romance, esporte e um mundo de bela leitura para a sociedade e o lar”. (ESCOBAR, 2017, p. 224).

Além disso, Escobar (2017) coloca que o jornal tinha edições mensais de 800 exemplares e contava com o apoio publicitário de algumas lojas existentes na cidade, no período em questão. A autora aponta uma rede de sociabilidade entre os clubes sociais negros do estado, uma rede de entidades que partilhavam os mesmos sentimentos. Neste caso, o jornal anunciava: “*A Voz do Treze* está à disposição das sociedades co-irmãs para publicar seus acontecimentos. Basta que nos remeta”. (ESCOBAR, 2017, p. 223).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurou evocar questões sobre a Imprensa Negra a nível nacional e, sobretudo, a chamada Imprensa Negra Meridional, chegando à constituição de uma *Campanha para preservação dos jornais negros da cidade de Santa Maria*, local onde se concentram os estudos do Grupo de Estudos sobre pós-Abolição da Universidade Federal de Santa Maria (GEPA). Através da bibliografia levantada e das reflexões propostas pelas pesquisas em história social da escravidão e liberdade no Brasil foi possível deslocar o nosso olhar para as realidades das comunidades negras locais, procurando acessar seus escritos e conhecer os nomes e sobrenomes e os rostos daqueles que materializaram, através das palavras, a luta pela igualdade e travaram a difícil batalha contra o racismo e a discriminação racial, vivenciadas cotidianamente. Este trabalho tem permitido reconhecer também seus ancestrais e descendentes, pessoas que têm sido as guardiãs das fontes primárias destes protagonismos negros, sistematicamente invisibilizados.

Do pouco que se sabia sobre a Imprensa Negra de Santa Maria e seus sujeitos, considerando ainda que seus jornais encontravam-se dispersos e abordados separadamente pelos pesquisadores, a *Campanha de Preservação dos Jornais da Imprensa Negra de Santa Maria* tem se mostrado um interessante canal aglutinador destes periódicos. Neste artigo, concretizamos uma espécie de mapeamento dos jornais da Imprensa Negra do Rio Grande do Sul, contabilizando 48 jornais, concentrados em 12 cidades do estado, das quais Santa Maria aparece como palco de 6 destes, por nós detalhados. Compreender a existência e a realização desta imprensa é ouvir vozes negras esquecidas e, muitas vezes, subestimadas. É colaborar para a ruptura

de estereótipos sobre estas comunidades, que também tinham suas epistemologias, conhecimentos, intelectualidades e se colocavam a serviço dos seus iguais, na defesa de suas liberdades, cidadania e no combate a desigualdade racial.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Wlamyra; FRAGA FILHO, Walter. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador; Brasília: Centro de Estudos Afro-Orientais; Fundação Cultural Palmares, 2006.
- BELINAZZO, Terezinha Maria. *A população da Paróquia de Santa Maria da Boca do Monte 1844-1882*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1981.
- BOHRER, Felipe Rodrigues. *A música na cadência da História: raça, classe e cultura em Porto Alegre no pós-Abolição*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- BRUNHAUSER, Felipe Farret. *Menores populares na Primeira República (Santa Maria, 1917-1921)*. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.
- CARVALHO, Daniela Vallandro de. *Entre a solidariedade e animosidade: os conflitos e as relações interétnicas populares – Santa Maria 1885-1915*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.
- COOPER, Frederick; HOLT, Thomas Cleveland; SCOTT, Rebecca Jarvis. *Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- ESCOBAR, Giane Vargas. *“Para encher os olhos”: identidades e representações culturais das rainhas e princesas do Clube Treze de Maio de Santa Maria no jornal A Razão (1960- 1980)*. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.
- FARINATTI, Luís Augusto. *Sobre as cinzas da mata virgem: os lavradores nacionais na Província do Rio Grande do Sul (Santa Maria: 1845-1880)*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- GONÇALVES, Mariana Couto. *A voz do escravo: o eco transmissor da causa abolicionista pelotense*. *História em Revista (UFPEL)*, v. 1, p. 236-245, 2013.

- GONÇALVES, Mariana Couto. *“Se é muito o que aspiro, aos leitores, desde já, peço mil perdões por tal aspiração”*: Pelotas (re)vista a partir dos folhetins e crônicas de Bernardo Taveira Junior (1836-1892). Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- GRIGIO, Ênio. *No alvoroço da festa, não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse*: a comunidade negra e sua Irmandade do Rosário (Santa Maria, 1873-1942). Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.
- GRUNEWALDT, Silvana. Santa Maria e a modernização da paisagem urbana no fim do século XIX e início do século XX. In: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (Org.). *Nova História de Santa Maria: contribuições recentes*. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2010, p. 335-348.
- GUTERRES, Letícia Batistella Silveira. *Para além das fontes*: Im/possibilidades de laços familiares entre livres, libertos e escravos (Santa Maria, 1844-1882). Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- GUTERRES, Letícia Batistella Silveira. *Escravidão, família e compadrio ao Sul do Império do Brasil*: Santa Maria (1844-1882). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- LONER, Beatriz Ana. *Loterias como passaporte para a liberdade*: a sorte e seus eleitos no final do século XIX. V encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2011, Porto Alegre. São Leopoldo: OIKOS, 2011. v. 1. p. 01-18.
- LONER, Beatriz Ana. *Antônio*: de Oliveira a Baobad. II Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. 2005, Porto Alegre. v. CD-rom. p. 1-20.
- LONER, Beatriz Ana. *Classe Operária*: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- MARCHIORI, José Newton; NOAL FILHO, Valter (Org.). *Santa Maria*: relatos e impressões de viagens. Santa Maria: Editora UFSM, 1997.
- MARIA, Jéssica Nobre. *Comunidade negra de fronteira*: o Clube Farroupilha de Santana do Livramento, RS. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.
- MATTOS, Hebe; RIOS, Ana Lugão. O pós-Abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. *Revista Topoi*, v. 5, n. 8, p. 170-198, 2004.

- MÜLLER, Liane Susan. *As contas do meu rosário são balas de artilharia*. Porto Alegre: Pragmatha, 2013.
- MÜLLER, Liane Susan. *As contas do meu rosário são balas de artilharia: irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre 1889-1920*. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- MEDEIROS, Alicia Quinhones. “*Branços, mixtos e pretos*”: o perfil social e racial do alunado da escola elementar Olavo Bilac na década de 1930, em Santa Maria/RS. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.
- OLIVEIRA, Franciele Rocha de. *Moreno rei dos astros a brilhar, querida União Familiar: trajetória e memórias do clube negro fundado em Santa Maria, no Pós-Abolição*. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2016.
- OLIVEIRA, Franciele Rocha de. *Dos laços entre José e Innocência: trajetórias de uma família negra entre a escravidão e a liberdade no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.
- OLIVEIRA, Ângela Pereira. *A racialização nas entrelinhas da imprensa negra: o caso O Exemplo e A Alvorada – 1920-1935*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.
- PERUSSATTO, Melina Kleinert. *Arautos da liberdade: educação, trabalho e cidadania no pós-abolição a partir do jornal O Exemplo de Porto Alegre (c. 1892 – c. 1911)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833 -1899)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa negra no Brasil do século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Escritos da liberdade: Literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.
- RIBEIRO, Nely. *Jornais gráficos RS 1827-1900: o jornal em Santa Maria 1883-1992*. Santa Maria: Imprensa Universitária/UFSM, 1992.

- RIOS, Ana Maria Lugão; MATTOS, Hebe Maria. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-Abolição*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.
- ROSA, Marcus Vinicius Freitas da. *Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-Abolição (1884-1918)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.
- SANTOS, José Antônio dos. *Prisioneiros da História*. Trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- SANTOS, José Antônio dos. *Raiou a Alvorada: intelectuais negros e imprensa Pelotas (1907 – 1957)*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária UFPEL, 2003.
- SANTOS, Roberto dos. *Pedagogias da negritude e identidades negras em Porto Alegre: jeitos de ser negro no Tição e no Folhetim do Zaire (1978/1988)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2007.
- SANTOS, Gabriela Rotilli dos. *Na saúde e na doença: perfil social das mulheres pobres na Santa Maria/RS do início do século XX (1903 - 1913)*. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.
- SANTOS, Gabriela Rotilli dos. *Desabusadas e levadas do diabo: mulheres pobres no ambiente urbano de Santa Maria no início do século XX (1903 - 1918)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.
- SILVA, Fernanda Oliveira da. *Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)*. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.
- SILVA, Fernanda Oliveira da. *As lutas políticas nos clubes negros: culturas negras, cidadania e racialização na fronteira Brasil-Uruguai no pós-Abolição (1870-1960)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- SILVA, Fernanda Oliveira da; PERUSSATTO, Melina Kleinert; WEIMER, Rodrigo de Azevedo; SILVA, Sarah Calvi Amaral (Org.). In: *Ciclo de debates sobre o jornal “O Exemplo”: temas, problemas e perspectivas*. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2016.

- SILVA, Tiago Rosa da. *Vivências e experiências associativas negras em Bagé-RS no Pós-abolição: imprensa, carnaval e Clubes Sociais Negros na fronteira sul do Brasil - 1913-1980*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.
- SÔNEGO, Aline. A produção historiográfica sobre a Imprensa Negra e apontamentos para pesquisa. In: *II Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão em História da Universidade Federal de Santa Maria*. História[s] em tempos de crise: possibilidades e perspectivas. Santa Maria: FACOS, 2020. p. 366-370.
- ZUBARAN, Maria Angélica; GUIZZO, Bianca Salazar. Imprensa Negra no Rio Grande do Sul: “Raça” e Gênero na Campanha ao Monumento da “Mãe Preta” (1920-1930). *Revista de História Regional*, v. 20, n.1, p. 165-179, 2015.
- ZUBARAN, Maria Angélica; VARGAS, Juliana Ribeiro de Vargas. Imprensa Negra: memórias, patrimônios documentais e educação antirracista. In: *XI Anped Sul, 2016, Curitiba*. Curitiba: Setor de Educação da UFPR, p.1-18, 2016.

Recebido em 03/07/2021

Aprovado em 16/11/2021